

humanitas



Vol. XXVII-XXVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXVII E XXVIII



COIMBRA
MCMLXXV-MCMLXXVI



ANTONIO TOVAR, *Iberische Landeskunde, Zweiter Teil, Die Völker und die Städte des antiken Hispanien, Band 2, Lusitanien*, Verlag Valentin Koerner, Baden-Baden, 1976 (pp. 124).

O volume que temos presente é apenas uma pequena parte da *Geografia Ibérica*, iniciada por A. Schulten, cuja primeira edição saiu em Strasbourg/Kehl (1955-1957) e a segunda foi editada por V. Koerner em 1974. Quem abre o volume estranhará que o índice apresente primeiro os títulos do estudo sobre a *Baetica* com indicação das páginas (pp. 7-37, iniciando-se nesta última a descrição das cidades da *Baetica*, que supomos irá até à p. 187) e passa então à Lusitânia, estudo que no tomo II da II parte ocupa as pp. 187-272. Seguem-se, comuns a ambos os tomos, um índice bibliográfico (pp. 273-281), uma lista de aditamentos (pp. 281-286), um índice geográfico (pp. 287-307) e três mapas apensos: — o da Ibéria segundo Ptolomeu, o da Bética e o da Lusitânia. Só nos foi pedido para apreciarmos a segunda parte do volume completo, a partir da p. 187, com um anterosto e rosto próprios para a Lusitânia.

A editorial Koerner foi feliz na escolha de A. Tovar para se ocupar da Lusitânia, pois o seu estudo mostra-se muito bem documentado e actualizado até data muito próxima da publicação. Os dados fornecidos são muito densos, por vezes até difíceis de seguir, devido à indicação das fontes no próprio texto, quase sempre através de siglas e números. Talvez fosse preferível possibilitar uma leitura corrente, remetendo as fontes para notas ao fundo da página. Observe-se ainda que devem ter-se presentes os *aditamentos* (cuja paginação já indicámos) com numerosas informações complementares (não necessariamente de trabalhos recentes).

O estudo compõe-se de 3 capítulos. No primeiro (pp. 187-191) trata-se de aspectos gerais de *A província da Lusitânia*: sua separação da *Hispania Ulterior*, talvez entre 12 e 2 a.C.; as suas fronteiras, a Norte genericamente delimitados pelo Douro, a Oeste e Sul pelo mar, e a Oriente talvez por Ávila e Talavera de la Reina, até entroncar na *Baetica*. A área dos três *conuentus* que a constituíam (*Pacensis*, *Emeritensis* e *Scallabitanus*) é difícil de precisar.

O cap. II (pp. 193-203) estuda *Os povos da Lusitânia*, isto é, os cónios ou celtas, os draganos, os celtas, os cempsos, os lusitanos (de quem se ignora a origem e o ponto de chegada), os túrdulos e os vetões, todos dados como indo-europeus, excepto talvez os cónios, classificados de autóctones, se não estão ligados aos cempsos, os quais possivelmente devem relacionar-se com os lígures. São os lusitanos que merecem maior atenção (pp. 196-201), embora a história da sua luta com os romanos seja excessivamente resumida.

O cap. II (pp. 205-272) é dedicado à descrição das *cidades e povoações*. São apresentados 147 títulos, a começar pelo Sul, passando ao Oriente, depois ao interior e ao Norte e finalmente a núcleos populacionais não identificados. Notemos, no entanto, que, várias vezes, sob o título de uma terra principal, são apontadas outras localidades. É o caso de *Eburobritium* (pp. 263-264), identificado como Évora de Alcobaça (que é acrescido de Alcobaça, Alfazeirão, Amoreira de Óbidos e Abobriz) e de *Olisipo* (pp. 266-268), a cujo propósito são referidos os arredores de Lisboa,

como Oeiras, Cascais, Sintra, Vila Verde e S. Miguel de Odrinhas. Faz-se um grande esforço para identificar todos os locais, o que muitas vezes não é possível com a certeza desejada.

Afirmado o grande valor deste estudo de A. Tovar, limitamo-nos a breves notas de carácter linguístico. Colhe-se a impressão de que a tradução do original espanhol para o alemão não foi bem revista. Por exemplo, os nomes dos rios parecem flutuantes: Douro (pp. 188, 254, 255, 271), Duero (pp. 199, 201, 203, 269), Tejo (pp. 189, 268), Tajo (pp. 194, 233, 239, 272) e Tagus (pp. 198, 264, 266, 269, 271).

Sobre a enigmática origem dos lusitanos (p. 200) a etimologia do seu nome é apresentada como ligada ao culto de Baco: lat. *lusus*, gr. *λύσσα* (opinião de Plínio 3, 8). Anote-se, no entanto, que Lambrino relaciona os *lusos* com o lago de *Lousonna*, na Suíça. O nome de *Olisipo* ou *Olisippo* terá mudado para *Ulissippo* por etimologia popular, a qual relaciona Lisboa com Ulisses (p. 266). Aceita como própria a designação *Katraleukos* (p. 214), mas reconhece que esta forma virá de *καστρα λευκά*. Este lugar é situado «em Alvalade, entre Beja e Sines». Apresenta-se também a proposta de Levy Jordão que o identifica com o Crato. Devia mencionar-se que tem também sido apresentada a hipótese de *Castraleuca* se localizar em Castelo Branco, baseada precisamente na tradução do nome grego dessa povoação. A abundante remissão para inscrições faz desta obra um manancial inesgotável para a epigrafia e a linguística latinas.

JOSÉ GERALDES FREIRE

JORGE DE ALARCÃO, *Cerâmica comum local e regional de Conímbriga, Coimbra, 1974, pp. 208 + LXXX estampas.*

A cidade romana de Conímbriga, que já foi objecto de tantos estudos, sob diversos aspectos, está agora enriquecida com uma análise rigorosa da sua «cerâmica comum», isto é, dos objectos de barro e materiais afins, que serviam para uso diário da casa.

Após uma referência aos estudos sobre cerâmica comum lusitano-romana, temos uma breve descrição do que foram as escavações luso-francesas de 1964 a 1971. Começa então o estabelecimento dos critérios e da terminologia exacta que ajudem a classificar as «louças» encontradas em Conímbriga, desde as primeiras tentativas de Virgílio Correia (1912).

Há muitos milhares de peças. Jorge de Alarcão diz ter desenhos de 4700, dos quais publica nesta obra 1180. O interesse maior está em se nos apresentar aqui uma catalogação e descrição científica das principais peças, organizadas por tipos e por camadas estratigráficas.

A exposição avança segundo um critério cronológico e comporta as seguintes divisões: *cerâmicas* da idade do ferro; — de fabrico manual; — torneadas de tradição indígena; — alto-imperiais; — tardo-romanas; — provavelmente tardo-romanas; e